QUANTA

v. 01 | n. 01 | 2015

Ativismo e Ecologia da Comunicação nos Movimentos Sociais: o corpo como protesto

Maria Aparecida Ladeira da Cunha[1]

Resumo

Este artigo pretende analisar a função social dos meios de comunicação e sua importância para os movimentos sociais, tendo como base a teoria da mídia (Pross,1972) e da Ecologia da Comunicação (Romano, 1993). A metodologia é estritamente bibliográfica com acompanhamento e reflexão crítica. A articulação temática também utiliza os autores Baitello Jr. (2005), Castells (2013), Moraes (2008) e Paiero (2007).

Palavras-chave: Ativismo; Teoria da Mídia; Ecologia da Comunicação; Movimentos Sociais.

Abstract

This article analyzes the social role of the media and its importance for social movements, based on Theory of Media (Pross , 1972) and the Communication Ecology (Romano, 1993). The methodology is strictly bibliographic with monitoring and critical reflection. The thematic linking also uses the authors Baitello Jr. (2005), Castells (2013), Moraes (2008) and Paiero (2007).

Key Words: *Activism; Theory of Media; Communication Ecology; Social Movements.*

1 Mestra em Comunicação e Cultura pela UNIP/SP e Professora do curso de Publicidade e Propaganda das Faculdades Dom Bosco/RJ.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente assiste-se a eclosão de diversas revoltas e protestos em todo o mundo: Egito, Tunísia, Primavera Árabe, Islândia, os indignados na Espanha, os movimentos Occupy nos Estados Unidos, os protestos e manifestações de junho de 2013 em todo o Brasil. Embora marcados por contextos diferentes, os movimentos estão articulados por uma crise semelhante: a incredulidade nas instituições políticas tradicionais e a busca por novas formas de participação na vida política e engajamento social. Esses movimentos de resistência e pressão engendram novas formas de ocupação do espaço público urbano, criam tempos e espaços próprios, são destituídos de uma liderança única e vertical, de uma linha programática monolítica e, fundamentalmente, se valem da comunicação como estratégia de luta.

Observa-se a capacidade dos atores sociais, conscientes e críticos, de desafiarem o poder embutido nas instituições da sociedade recriando formas de contestação. Observam-se novas práticas de participação que utilizam a comunicação em sua diversidade midiática como instrumento de interação social.

As ferramentas de comunicação sempre fizeram parte dos processos de mobilização social, seja nos encontros, nas panfletagens ou em outro meio alternativo. Com o surgimento da Internet e suas inúmeras vantagens no que diz respeito à produção e compartilhamento de conteúdo de forma gratuita, os movimentos sociais passaram a aproveitar os benefícios da comunicação em redes telemáticas para divulgação de suas ações e pautas.

Observa-se a relevância do espaço público e o papel da proximidade entre os militantes para que o processo de comunicação e vinculação de fato aconteça. Para Castells (2013, p. 16), na sociedade atual, "o espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da Internet e o espaço urbano ocupado". É necessário conectar o ciberespaço com o espaço urbano para que exista a interação e a constituição de comunidades. Castells (2013) defende que a autonomia da comunicação é a essência dos movimentos sociais, ao permitir que o movimento se forme e se relacione com a sociedade, resistindo ao controle dos detentores do poder sobre o poder da comunicação.

A pertinência em se estudar a comunicação a partir da perspectiva da Ecologia da Comunicação, de Vicente Romano, está no desenvolvimento de uma teoria em que todos os aspectos, tanto os quantitativos quanto os qualitativos, e tudo o mais que venha a afetar a qualidade de vida se tornam relevantes. A teoria proposta por Romano estabelece uma ponte entre a Teoria da Mídia, de Harry Pross, e a Ecologia Humana, num cenário em que os seres humanos se veem obrigados cada vez mais a se adaptar à técnica e não mais à natureza e as intervenções técnicas do ser humano não se limitam à biosfera. Elas também afetam a sociosfera e o ambiente de comunicação.

Pross (1972) defende que a comunicação começa e termina no corpo. Sendo assim, o principal e único responsável pela comunicação primária é o próprio corpo, seja pelo olfato, pela visão, pelo paladar, pelo toque ou audição.

As formas de comunicação, tanto primária quanto secundária, são analisadas por meio das ações presentes nas ruas, encontros, reuniões e manifestos, reforçando os laços de proximidade e vinculação. A mídia terciária, que, por sua vez, precisa de aparatos

tanto do lado do emissor, quanto do receptor, podem ser analisadas por meio das mídias eletrônicas e das redes sociais telemáticas. Tendo como ponto positivo o encurtamento do espaço e as facilidades no transporte físico da mensagem e instantaneidade na transmissão das informações, a comunicação em rede tem se apresentado como uma forte ferramenta de apoio aos ativistas, chamada de ativismo digital ou ciberativismo.

Mesmo apresentando problemas como a aceleração do tempo e das sincronizações sociais, a partir do ponto de vista da Ecologia da Comunicação (ROMANO, 1993), o ativismo digital já se tornou uma poderosa ferramenta de articulação e visibilidade dos movimentos.

Espera-se que este artigo contribua para a análise sobre as formas de empoderamento dos novos movimentos sociais pelas ferramentas de comunicação, responsáveis pelo processo de vinculação e proximidade, por meio de processo colaborativo de produção e compartilhamento de conteúdo e reflexões, que tornam visíveis as mais diversas causas e questionamentos.

2. O CORPO COMO MÍDIA

A partir da premissa de que a construção das relações de poder nas sociedades democráticas se faz por meio do livre acesso às informações, e que o "poder é exercido por meio da coerção e/ou pela construção de significado na mente das pessoas, mediante mecanismos de manipulação simbólica" (CASTELLS, 2013, p. 10), a intenção deste artigo é analisar a função social dos meios de comunicação e sua importância para os movimentos sociais.

Castells (2013, 11) salienta que o processo de construção simbólica depende das "mensagens e estruturas criadas, formatadas e difundidas nas redes de comunicação multimídia" e que cada indivíduo constroi seu próprio significado, "interpretando em seus próprios termos as informações comunicadas". O autor também afirma que "esse processamento mental é condicionado pelo ambiente da comunicação" e que as mudanças nesse ambiente afetam diretamente a construção de significados e, com isso, a produção das relações de poder.

Vicente Romano (1993) conceitua a comunicação humana como um processo que possibilita a conexão, a comunhão e a vinculação com os outros. É por meio da comunicação que são experimentadas as relações sociais, a vivência em comum, os sentimentos de pertencimento a uma comunidade. Para o autor, é de suma importância analisar a comunicação sob o ponto de vista do seu entorno, seu ambiente social, para contribuir com o seu equilíbrio. É preciso avaliar a forma como se dá o processo de comunicação, pois é este fato o responsável por vincular ou desvincular o homem do seu ambiente.

Antes de tratar a questão da Ecologia da Comunicação é preciso entender a Teoria da Mídia, de Harry Pross (1972, p. 27), que divide a mídia em primária, secundária e terciária, e que defende que toda a comunicação começa e termina no corpo: "toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os participantes individuais se encontram cara a cara e imediatamente presentes com seu corpo; toda comunicação humana retornará a este ponto".

Baitello Jr. (2005, p. 31) afirma que "a comunicação começa muito antes dos meios de comunicação de massa, muito antes da imprensa, do rádio, da televisão. Antes mesmo da invenção da escrita. A primeira mídia, a rigor, é o corpo".

O corpo humano se comunica das mais diversas formas: a voz, o cheiro, os gestos, o gosto. Mas para que a comunicação primária aconteça, é preciso estar no mesmo espaço e no mesmo tempo do receptor. A mídia primária requer proximidade para funcionar e exige o tempo e o espaço do aqui e do agora.

Segundo Baitello Jr. (2005, 31), quando duas pessoas se encontram existe uma intensa troca de informações, que podem ser visuais, olfativas, auditivas, táteis, gustativas - dependendo do tipo de encontro. Existe, portanto, "um intenso processo de comunicação por meio de inúmeros vínculos, inúmeros canais, inúmeras relações, conexões e linguagens".

Na mídia secundária, entre um corpo que emite um sinal e outro que recebe o sinal, existe um objeto, uma mídia, para transmitir a informação. Sendo assim, apenas o emissor necessita de um suporte para transmitir a informação, para prolongar, aumentar seu tempo de emissão, seu espaço de alcance, ou seu impacto sobre o seu receptor. Esse suporte pode ser de diversos tipos de materiais.

Segundo Baitello Jr. (2005), há um evidente avanço na relação do homem consigo mesmo, trazido pela mídia secundária, uma evidente expansão das fronteiras do seu imaginário e, portanto, de sua cultura. A mídia primária é presencial, exige a permanência de emissores e receptores em um mesmo espaço físico e num mesmo tempo, trata-se, portanto, da mídia do tempo presente.

A mídia secundária apresenta a possibilidade de permanência e a sobrevida simbólica após a presença do corpo, introduzindo um fator temporal novo, inventando o tempo lento, que é o tempo da escrita, da decodificação e da decifração, o tempo da imagem registrada sobre materiais permanentes, que permite o tempo lento da contemplação. Em contrapartida, a mídia secundária tem o limite de sua transportabilidade. O espaço ainda é um obstáculo. Para que a comunicação aconteça, é preciso enfrentar as dificuldades de transportar os suportes de informação.

A mídia terciária, segundo Pross (1972, p. 226), "são os meios de comunicação que não podem funcionar sem aparelhos tanto do lado do emissor quanto do lado do receptor", entre os quais o telefone, o telégrafo, o cinema, o rádio, a televisão e produtos como discos, fitas de vídeos, CDs e DVDs. Com o advento da era da eletricidade, desenvolveram-se sistemas de mediação mais sofisticados utilizando aparatos de emissão e captação das mensagens, desafiando as barreiras de espaço e de tempo.

Sobre as diferentes mídias, é importante destacar que o aparecimento da mídia secundária não suprime nem anula a primária e o mesmo acontece com as mídias terciárias. Elas não se eliminam, mas sim complementam etapas anteriores.

Dentre os pontos positivos trazidos por essa mídia, estão a redução (e em alguns casos até mesmo a anulação) do espaço e as facilidades no transporte físico da mensagem, graças aos sistemas de eletrificação, cabeamentos e redes. São inúmeras as possibilidades de geração, transmissão e conservação de mensagens. Em contrapartida, a aceleração do tempo e das sincronizações sociais são problemas graves gerados pelas mídias terciárias.

Outra questão a ser levada em consideração é a possibilidade de reprodução ilimi-

tada e distribuição irrestrita de imagens visuais ou acústicas. Segundo Baitello Jr. (2005), tal possibilidade têm levado a comunicação humana a uma hipertrofia da visão e da visibilidade, uma "hipertrofia dos sistemas de mediação mais complexos, à custa de uma atrofia dos sistemas primários simples". A necessidade de se observar e discutir esse tema parece relacionar-se com a incapacidade de análise crítica das consequências do processo de desenvolvimento da mídia eletrônica.

Para Baitello Jr. (2005) o advento das imagens repetidas e idênticas que se distribuem no espaço, faz emergir o fenômeno da superexposição, acompanhado de vazios, de déficits emocionais, que por sua vez, faz com que novas imagens sejam geradas para suprir a sensação do vazio e ludibriar sua transição por meio de outras transições. O resultado, como desdobramentos do processo de reprodutibilidade, é a multiplicação exacerbada de imagens cada vez mais onipresentes, em que o excessivo passa a ser cotidiano e a ocupar todos os espaços, inflacionando o valor de exposição.

Segundo Baitello Jr. (2005), Walter Benjamin (1980) acreditava que o processo de distribuição e acessibilidade ao conhecimento, ao qual chamava de politização da estética, seria uma ferramenta democratizante. No entanto,

> A era da reprodutibilidade técnica, contudo, muito mais abriu as portas para uma escalada das imagens visuais que começam a competir pelo espaço e pela atenção (vale dizer, pelo tempo de vida) das pessoas. E o excessivo, o descontrole, muito mais conduziu a um maior esvaziamento deste valor de exposição e até mesmo poder estar levando ao seu oposto, um crescente desvalor, a uma crise da visibilidade (Cf. D. Kamper 1995) próxima do grau zero de comunicabilidade, sinalizando que houve um desvio de rota, uma recidiva, no prognóstico positivo da reprodutibilidade técnica na sociedade contemporânea. (...) Ao invés de democratizar o acesso à informação e ao conhecimento, tal reprodutibilidade fez muito mais esvaziar o potencial revelador e esclarecedor das imagens por meio delas próprias e seu uso exacerbado e indiscriminado (BAITELLO JR., 2005, p.14).

O antropólogo e anatomista Ashley Montagu (1988) estabeleceu um marco sobre o estudo dos sentidos, evidenciando a importância da proximidade e indo na contramão das tendências de comunicação, se desenvolvem cada vez mais baseada nos sentidos de distância. Sobre o pensamento crítico a respeito dos distanciamentos dos sentidos e suas consequências:

> Montagu aponta ainda o traço, característico de algumas culturas, de cultivar a distância e criar bloqueios culturais contra a proximidade, sobretudo contra o toque, a carícia e o contato corporal. Procura demonstrar o que se perde e o que pode ser lesado na capacidade humana de se comunicar e até mesmo no desenvolvimento saudável do indivíduo, do grupo familiar e da sociedade (BAITELLO JR., 2005, p. 38).

3. ECOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

Vicente Romano (1993, p. 67) afirma que "o predomínio atual da mídia terciária na sociedade tecnificada de comunicações mediáticas deixa clara a falta e a necessidade da comunicação elementar humana". Para ele, ao contrário do que se esperava, a crescente eletrificação das comunicações não ampliou o espaço nem o tempo das relações de proximidade. As relações sociais mais próximas, entre familiares e amigos, têm perdido espaço para a diversão eletrônica, mediada por aparelhos de comunicação, criadores de distância, gerando desequilíbrios e carências, que podem ser exemplificadas nas modernas formas de violência urbana, devido à falta de vínculos.

Segundo Baitello Jr. (2005, p. 30), "o equilíbrio comunicacional do homem pede a presença distribuída de distância e proximidade, a visão como um preparo para a proximidade e esta como um passo para a vida afetiva". Ele defende que "a era da visibilidade nos transforma a todos em imagens, invertendo o vetor da interação humana, criando a visão que se satisfaz apenas com a visão".

> Os imperativos de uma sociedade fundada na visibilidade e suas estratégias são cada vez mais invasivos. Não apenas há uma inegável proliferação inflacionária das imagens. Essas imagens não são apenas visuais, mas também acústicas, performáticas e comportamentais, olfativas ou simplesmente mentais, distribuídas pela disseminação do imaginário que acompanha todo movimento cultural (BAITELLO JR., 2005, p. 28).

Devido aos crescentes avanços tecnológicos dos meios de comunicação, evidencia-se um fenômeno de descontextualização espaço x tempo da sociedade com o seu entorno. Romano (1998, p. 17) afirma que o tempo e o espaço não são apenas coordenadas da percepção, mas que também determinam os processos sociais da comunicação. O autor defende a importância de se averiguar como os meios de comunicação influenciam na constituição do tempo e do espaço e qual o papel desempenhado pelas novas tecnologias da informação e da comunicação.

É no entorno comunicacional que ocorre a troca do presente individual pelo presente coletivo: vivências e produção de sentidos que possibilitam a compreensão do passado, da história e também estimula a sensibilidade.

Devido a seu enorme poder na vida das pessoas, Romano (1993) chama a atenção para a necessidade de observação do entorno comunicacional pelo viés da ecologia e da sustentabilidade, pela forma como se dá o processo de vinculação. Vem à tona a importância de se discutir a democratização dos veículos midiáticos, frente ao seu poder desproporcional da perda de sentidos, que vem produzindo em grande escala na sociedade.

Sobre o papel e a importância da "pertencência", nessa rede significativa que está no cerne de toda a vida, Cyrulnik diz que:

> É preciso, pois, pertencer. Não pertencer a ninguém é não se tornar ninguém. Mas pertencer a uma cultura é tornar-se uma pessoa única... A pertença tem dois lados: a familiaridade e a filiação. A familia-

> ridade é um sentimento que se experimenta e se reforça no cotidiano porque se enraíza na sensorialidade dos estímulos da vida doméstica. O sentimento de filiação, por sua vez, só existe na representação psíquica que se enraíza no contexto cultural. A familiaridade se alimenta de biológico, de memória e de sensorialidade cotidiana, ao passo que a filiação se alimenta de cultura (CYRULNIK, 1995, p. 75).

Sobre a necessidade humana de vínculos e pertencimento, Contrera (2003) afirma que "sem a formação de vínculos não há nenhuma possibilidade de comunicação em nenhuma instância de vida". A autora defende que "dos micro-organismos às sociedades, os vínculos são a premissa básica para a formação dos vasos comunicantes capazes de alimentar e manter vivo qualquer sistema" (CONTRERA, 2003, p. 105).

Romano (1993) analisa o processo de privatização dos espaços públicos, que antes eram espaços de comunicação, festa e proximidade, não associados ao consumo, mas à celebração e à comunhão do espaço e do tempo e defende que a democracia, como sistema aberto, implica necessariamente espaços abertos, para que todos possam ter acesso. O espaço público deve ser lugar de encontro e interação social.

4. O CORPO COMO PROTESTO

Pross (1989, p. 17) defende que "o público abre-se ao protesto, leva-o adiante e pode fazer dele seu lema ou rejeitá-lo". Ele exemplifica a coleta de assinaturas, ou uma manifestação nas ruas, como formas de trazer visibilidade e engajamento social. Para ele, enquanto a coleta de assinaturas pode apresentar uma impressão abstrata, as manifestações nas ruas, a ocupação dos espaços públicos, surtem efeitos posteriores por intermédio das testemunhas presentes, como fotógrafos e operadores de câmeras, responsáveis pela posterior difusão pelos meios de comunicação.

Segundo Paiero (2007, p. 167), em busca de visibilidade, os organizadores dos protestos muitas vezes procuram "adicionar elementos que acreditam ser atraentes para os meios de comunicação". Para ela, ao escolher a forma como irá retratar o protesto na mídia, a imprensa acaba interferindo, direta ou indiretamente, na manifestação.

> O protesto, como resposta pública à determinada circunstância a que se faz oposição, é dirigido sempre a dois destinatários: a quem se faz a oposição e a um público terceiro, do qual se quer apoio. O formato escolhido para a comunicação, que define a natureza do protesto, é o de ampliar ao máximo a visibilidade de sua ação e, com isso, chamar a atenção para o motivo primeiro. (PAIERO, 2007, p. 167)

O protesto, segundo Denise Paiero (2007, p. 168) "é uma das manifestações comunicativas onde a mídia primária aparece com muita força". Nas ruas, com a participação física dos ativistas, a comunicação primária estaria presente "nas palavras de ordem, nos gritos e nos gestos obscenos, na infinidade de manifestações".

O corpo, por vezes, é o único elemento de uma manifestação. O corpo nu, por exemplo, é muito utilizado em manifestações, por se tratar de um ato considerado fora dos padrões sociais. Muitos movimentos feministas, de países distintos, já utilizaram esse recurso, principalmente em protestos contra a violência sexista, como as ações da "Marcha das Vadias". Protestos como estes ganham visibilidade midiática, tanto pelo "choque moral do nu que desafia a ordem, quanto pela irreverência ou pelo deboche" (PAIERO, 2007, p. 169).

As mídias secundárias presentes em protestos podem ser exemplificadas, segundo Paiero (2007), pelos corpos pintados, amarrados, fantasiados, em que tais materiais se tornam extensão do corpo, com a função de comunicar algo.

As marchas, passeatas e aglomerações públicas são eventos de protestos em que "quem participa cede seu corpo para a multidão, torna-se parte de uma massa de corpos que só faz sentido a partir da aglomeração voluntária. Perde-se a individualidade do corpo em favor da massa que adquire vontade e ação próprias" (PAIERO, 2007, p. 172).

Como afirma Paiero (2007, p. 172), o número de manifestantes é sempre muito relevante. "Passeata ou ato público bem sucedido é aquele que consegue juntar muitos corpos. É aquele que ocupa um grande espaço com corpos manifestando-se a favor da causa do protesto".

Como afirma Paiero (2007, p. 173), "quanto mais difícil esse caminho, quanto maior o sofrimento do corpo, maior o destaque que o protesto recebe na grande mídia". Evento deste porte, além de ocupar espaços públicos e estradas, também consegue ampla cobertura dos veículos de massa e espaço na pauta midiática.

5. REDES DE RESISTÊNCIA

"Os movimentos sociais em rede são como arautos da mudança social no século XXI", defende Castells (2013, p. 21). Segundo o autor, "em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da Internet e o espaço urbano ocupado" (2013, p. 16). Segundo o autor, ao se conectar os dois espaços, é possível constituir, no âmbito tecnológico e cultural, "comunidades instantâneas de prática transformadora".

Moraes (2003, p. 210) defende que uma das formas de alcançar a "mundialização das lutas sociais" ocorre por meio da "expansão de redes que entrosem visões de mundo afins e deem ressonância a campanhas em prol da democratização da esfera pública".

> As frentes de ação compartilhadas promovem o diálogo, a cooperação descentralizada e uma sociabilidade política baseada em aspirações convergentes. Rede torna-se assim um conceito propositivo, na medida em que dilui a hierarquização do poder entre os participantes e institui relações mais horizontalizadas, abertas ao pluralismo cultural. As conexões que se vão tecendo podem aperfeiçoar táticas de denúncia, resistência, pressão e insurgência contra o statuo quo (MORAES, 2003, p. 210).

Sobre a comunicação dos movimentos e a questão que diz respeito a sua autonomia, Castells (2013, p. 16) afirma que "esse novo espaço público, o espaço em rede, situado entre os espaços digital e urbano, é um espaço de comunicação autônoma". Tal autonomia é vista como "a essência dos movimentos sociais", pois permite que o mesmo se forme e se relacione com a sociedade, "para além do controle dos detentores do poder sobre o poder da comunicação".

Segundo Moraes (2008, p. 47), "a cobertura de eventos sociais por meio da Internet acentuou-se a partir de 2000, sob a influência das mobilizações antiglobalização". Para o autor, a Internet se colocaria à frente dos demais meios midiáticos por sua versatilidade, instantaneidade, interatividade, velocidade e abrangência. Tecnicamente, a comunicação virtual tem relação direta com a possibilidade de edição e escolha daquilo que se quer consumir, podendo alimentar o conteúdo disponível.

Esse modelo de veículo permite que profissionais de comunicação, utilizando-se de ferramentas apropriadas, trabalhem com uma metodologia colaborativa, no intuito de agregar seu conhecimento à elaboração dos mais variados conteúdos da informação. Utilizando-se desses meios, as comunidades ativistas buscam alinhar suas ideias e estratégias por meio de processos de mobilizações promovidas por mecanismos convocatórios que permitem suas organizações mesmo à distância.

Fazendo uso das redes sociais telemáticas, a Internet tem se apresentado como lugar de articulação dos movimentos sociais nos mais diversos países. Como ferramentas de mobilização e organização, as redes sociais telemáticas como o Facebook e Twitter são vistas como eficientes meios de comunicação, com características de uma organização horizontal e descentralizada.

Malini e Antoun (2013, p. 57) defendem que "a participação e o compartilhamento são fundamentais para a construção de uma sociedade mais ativa e democrática". Para os autores esta realidade estaria na "contramão da noção de glocalidade que marca a submissão dos lugares aos ditames do poder global das redes de regulação".

As questões que giram em torno da ação coletiva e do bem público envolvem os meios de comunicação na medida em que eles transformam os modos como as pessoas cooperam, sobretudo se eles transformam as maneiras como elas veem a si mesmas e como os outros as veem. Malini e Antoun (2013) defendem que a parceria está presente na base tanto do funcionamento técnico da Internet como rede, quanto no funcionamento dos serviços de comunicação nela construídos.

> A multidão de usuários formada na Internet reinventou o poder de parceria, seja gerando as teias de blogs capazes de quebrar a invisibilidade do usuário comum nos motores de pesquisa e gerar um circuito cooperativo; seja inventando os programas que restabelecem a horizontalidade dos parceiros repartindo recursos de banda e processamento para partilhar informações (MINAR e HEDLUND, 2001 apud MALINI e ANTOUN, 2013, p. 89).

Malini e Antoun (2013, p. 222) postulam que "o poder de comunicação, no interior das redes, se revela como um trabalho permanente de cultivo de conversações, respostas e controvérsias on-line". Para eles a eficiência dos protestos depende cada vez

mais de envolver os que atuam com estes dispositivos. "Não é à toa que uma das transformações mais relevantes no mundo da web será a emergência dos 'blogueiros de rua ', que realizam transmissão ao vivo (streaming) dos acontecimentos sociais, veiculando-os para os amigos e parceiros".

Evidencia-se o crescente número de protestos de cunho socioeconômico à proporção que as causas passam pelo processo de globalização. A proposta colaborativa aponta o empenho voluntário e militante de apuração, redação, edição e atualização de páginas, organização de bases de dados e montagem e manutenção de redes.

Moraes adverte, no entanto, que é preciso avaliar as perspectivas e afastar-se de possíveis ilusões. Ele afirma que "precisamos considerar que a expansão tecnológica não suprime e até pode repor divisórias entre conectados e desconectados provocadas por desiguais condições de acesso e usufruto" (2008, p. 55).

> A universalização dos acessos depende, entre outras coisas, de políticas socioeconômicas inclusivas, do desenvolvimento de infraestruturas de rede, do barateamento de custos teleinformáticos e de formação educacional condizente. É essencial combater a infoexclusão de populações de baixa renda e clamar por políticas públicas que intensifiquem os usos sociais, culturais, educativos e políticos das tecnologias (MORAES, 2008, p. 56).

Moraes (2008, p. 61) acredita que a comunicação alternativa em rede, de caráter contra-hegemônico, "tende a inserir-se, gradativamente, no rol de iniciativas que visam construir uma cultura de solidariedade social baseada numa ética de reciprocidades entre os sujeitos comunicantes".

> A práxis virtual pauta-se por especificidades que a distinguem claramente dos meios convencionais, mas há uma relação de complementaridade com o real. (...) Trata-se de agregar aos meios tradicionais de difusão contra-hegemônica os espaços, recursos e ferramentas virtuais. Em síntese, aproveitar esse somatório de possibilidades de veiculação alternativas na longa e árdua ação política transformadora (MORAES, 2008, ps. 61 e 62).

Moraes (2008, p. 60) ressalta que "não se trata de conceber a Internet como "eldorado digital" ou como meio capaz de suplantar o poderio midiático. É uma frente a mais a explorar na intrincada arena político-ideológica da comunicação".

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado, a comunicação assumiu uma centralidade no mundo contemporâneo. Seja no sentido de produção, reprodução e expansão do capitalismo, seja na contestação rebeldia e insurgência, os meios de comunicação aparecem como constituintes fundamentais da sociedade a determinar transformações no mundo.

Tendo conhecimento da conexão existente entre comunicação e comunidade, que seria a comunhão, o compartilhamento de ideias em comum, observa-se que esta relação se torna essencial aos movimentos sociais, principalmente pelo seu caráter de engajamento e mobilização de indivíduos em busca de soluções que sejam favoráveis ao coletivo.

É comum identificar em movimentos e manifestos sociais o uso dos mais diversos meios de comunicação para as mais distintas funções, sejam elas chamamento, esclarecimento, organização, entre outros. Com o crescimento do uso das novas tecnologias de comunicação, com amplo acesso à rede, nos mais variados aparatos, que vão de computadores aos dispositivos móveis, sua participação tem atraído cada vez mais militantes, tornando-se essenciais aos novos movimentos sociais.

Seguindo a proposta de analisar como acontece esta articulação entre ruas e redes para a visibilidade midiática dos movimentos sociais, conclui-se sobre o importante papel de sustentação e inter-relação destes espaços na missão de tornar suas causas visíveis para a sociedade, tornando-as assuntos relevantes e de necessária discussão.

Mesmo com o amplo alcance da rede, não se pode negligenciar a importância do vínculo para que a comunicação de fato aconteça. Mesmo sendo uma comunicação conhecida como "a distância", o sentimento de vínculo é necessário para que haja envolvimento com a causa, com o movimento em si.

Apesar de apresentar benefícios como redução do espaço, facilidades na transmissão e conservação das mensagens, o distanciamento físico entre os membros de um coletivo pode não conseguir o envolvimento necessário dos participantes, gerando o que muitos chamam de "ativismo de sofá".

A importância da proximidade evidencia a necessidade da comunicação elementar humana, aqui estudada como comunicação primária (PROSS, 1972). A comunicação terciária, aqui exemplificada como as das redes telemáticas, por vezes amplia a visibilidade e extensão da comunicação, embora não seja suficientemente capaz de ampliar e fortalecer as relações sociais mais próximas.

Em resposta à hipótese inicial, de que os movimentos sociais se apropriam dos meios de comunicação, sejam elas de caráter primário, secundário ou terciário (segundo a teoria da mídia de Harry Pross) em busca de maior visibilidade, mobilização e engajamento para a discussão de suas pautas, no trilho de uma ecologia da comunicação (de acordo com Vicente Romano), a pesquisa apresenta a relação de complementaridade entre redes e ruas, presentes na comunicação dos coletivos.

Conclui-se que o ciberespaço proporciona facilidades na troca e compartilhamento de dados e na rápida transmissão de informações. No entanto, para engajar e aproximar as pessoas é preciso convívio, afeto e corpo presente. Por isso a importância de rua e rede. E também por isso a importância do equilíbrio na escolha das mídias, não deixando a comunicação primária esquecida.

A rede, por meio de suas ferramentas de relacionamento e constante troca de conteúdo, proporciona visibilidade e interesse pelo engajamento e participação no movimento. A rua, com todo seu potencial de comunicação primária, tende a fortalecer os vínculos sociais criados. Somente a presença, a proximidade, a troca de experiências, conseguirão engajar os ativistas de fato.

REFERÊNCIAS

BAITELLO JR., Norval. **A era da Iconofagia**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CONTRERA, Malena Segura. Publicidade e Mito. In: CONTRERA, Malena Segura; HATTORI, Osvaldo Takooki. **Publicidade e Cia**. Editora Thompsom, 2003.

CYRULNIK, Boris. **Os alimentos do afeto.** São Paulo: Editora Ática, 1995.

MALINI, Fabio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua – Ciberativismo e mobilizações sociais nas redes sociais.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

MORAES, Dênis de. **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

_____. Comunicação alternativa em rede e difusão contra-hegemônica. In. COUTINHO, Eduardo Granja (org.). **Comunicação e Contra-Hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MONTAGU, Ashley. **Tocar. O significado humano da pele.** São Paulo: Summus, 1988.

PAIERO, Denise. **Os símbolos vivem mais que os homens.** São Paulo: Annablume, 2007.

PROSS, Harry. **Medienforschung**. Darmstadt: Carl Habel, 1972.

_____. **A sociedade do protesto**. São Paulo: Anna Blume, 1997.

ROMANO, Vicente. **Desarollo y progreso - Por una ecología de la comunicación.** Barcelona: Teide, 1993.

_____. **El tiempo y el espacio en la comunicación.** Hondarribia: Argitaletxe Hiru, 1998.